

HELENA NO FOLHETIM: PERIPÉCIAS DO NARRADOR MACHADIANO

Raquel Cristina Ribeiro PEDROSO

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP
raab_01@gmail.com

Resumo: Este trabalho pretende refletir a respeito do gênero romance-folhetim e a gênese do narrador de Helena em sua publicação “folhetinesca”. Será elaborado um percurso histórico do folhetim, sua origem na França, a diversidade de escritos, os primeiros colaboradores, sua expansão para os demais países, e a importância do referido gênero à literatura brasileira. Esse percurso apresenta elementos fundamentais à compreensão dos textos (romances) publicados nos jornais oitocentistas – e a consagração de Machado de Assis como um grande mestre da literatura brasileira, advindo de escritos em folhetim. Para compreensão do narrador de Helena é necessário conhecer os moldes de tal publicação, a busca por uma literatura e autores essencialmente brasileiros, que solidifiquem o “nacional” ao gosto popular.

Palavras-chave: romance-folhetim; Helena; narrador machadiano.

O termo *Folhetim* tem sua origem na França, no século XIX. Inicialmente, havia nos jornais franceses um espaço reservado ao entretenimento e promoção do bem-estar. Um lugar onde não se comentava política, reclamações enfadonhas dos oficiais ou a forte pressão imposta por Napoleão I, este, havia restabelecido a censura aos meios de grande influência social como jornais e livros. Logo, *Le feuilleton* designa genérica e geograficamente um espaço no jornal, mais precisamente no rodapé da primeira página para a publicação de temas cotidianos como piadas, charadas, crítica literária e de teatro, boletins de moda, receitas de cozinha, comentários dos últimos acontecimentos, livros recém-lançados, crimes etc. É um espaço “vale-tudo” onde se precisa inovar para atrair mais e mais assinantes, leitores e/ou ouvintes. A ficção está entre os assuntos mais comentados, e o rodapé constitui-se um meio onde os mestres e iniciantes no gênero puderam treinar suas narrativas nos moldes ingleses de publicação em série, num contexto onde sobram linhas em virtude do pouco espaço da página.

Os chamados romances de folhetim tornaram-se verdadeira epidemia da época, mantendo o leitor ávido pelo próximo capítulo e fiel até o término da história, que poderia ser alongada, diminuída e até mesmo modificada, de acordo com o desejo do público. Segundo Gramsci (1986), em seu *Literatura e vida nacional*, “Os folhetins, tanto na intenção do diretor do jornal quanto na intenção do folhetinista, foram produzidos sob a inspiração do gosto do público e não do gosto dos autores” (p. 124). Era o folhetim ficcional inventando fatias de vida servidas em fatias de jornal, oferecendo às classes populares o que desde os tempos da oralidade e das folhas volantes as deleitava: mortes, desgraças, catástrofes, sofrimentos e notícias – como diz Walter Benjamim, tratava-se de “injetar o veneno da sensação à experiência vivida, quase por via endovenosa” (BENJAMIN, 1976, p. 994).

O novo gênero era caracterizado pela extensão, graças às infimas e atraentes peripécias se alongando no tempo, desenvolvendo uma temática quer de aventuras, quer de capa e espada, quer histórica, quer judiciário-policial, quer realista-sentimental, ou seria tudo e muito mais? O importantíssimo era o suspense e o coração na mão, um lencinho não muito longe, o ritmo ágil da escrita que sustentasse uma leitura às vezes ainda soletrante, e a

adequada utilização dos macetes diversos que amarrassem o público e garantissem sua fidelidade ao jornal, ao fascículo e, finalmente, o levasse ao livro.

Na imprensa brasileira a tradução de clássicos franceses foi por um longo tempo o carro-chefe das histórias folhetinescas. O primeiro a ser traduzido e publicado pelo *Jornal do Comércio* em 1838 foi o célebre Capitão Paulo de Dumas, momentos depois de sua versão no folhetim francês. “Do rodapé do jornal vão se sucedendo as fatias de romance-folhetim traduzidas dia após dia do francês, introduzindo angústia e suspense ao fatídico ‘continua-se’”. (MEYER, 2005, p. 283)”.

Os folhetins-romances são considerados cotidianos no *Jornal do Comércio* entre os anos 1839 e 1842, e pela sua condição de literatura de ficção, constituiu-se em massa por inúmeras traduções de clássicos romances franceses e novelas curtas. Como um dos primeiros tradutores desse gênero temos Joaquim José da Rocha, que traduziu para o *Jornal do Comércio* *O conde de monte Cristo* e *Os mistérios de Paris*. Este, esperado por todos, foi recebido no dia 1 de setembro de 1844 com partes diárias e suplemento dominical. Foi a partir do *Jornal do Comercio* que o folhetim se espalhou pelos principais jornais brasileiros, e os grandes motivadores dessa propagação foram o processo de reestruturação que a imprensa brasileira estava passando e a assimilação cada vez maior da cultura francesa em detrimento da portuguesa, uma vez que, os portugueses seriam os “culpados pelo atraso” em que se encontrava o país. Laurence Hallewel (1985, p. 87) comenta o surgimento de um público leitor até então desconhecido, o feminino. Logo, longos escritos destinaram-se a esse novo público, e não eram raros os livros publicados exclusivamente, seja em folhetim ou em imprensa convencional, ao “deleite das moças”. Tinhorão (1994) menciona a emancipação feminina ao afirmar que a abertura dos jornais a esse público foi inevitável. Na França (1840) todas as camadas sociais (fossem homens ou mulheres) eram assíduas leitoras do folhetim. E se o Brasil pretendesse consolidar o modelo deveria expandir seus leitores, uma vez que, os jornais da época eram lidos somente pelos profissionais liberais, homens do governo, do capital, do comércio e da elite intelectual.

[...] Desde a independência a figura feminina rompia paulatinamente o seu isolamento, conquistando a vitória das casas sobre as ruas – instrução, presença em festejos religiosos e oficiais e, mais tarde, saraus, teatros entre outras práticas culturais e de lazer [...] (NADAF, 2002, p. 50)

Em paralelo a divulgação do folhetim francês, autores brasileiros aventuraram-se a lançar seus escritos e a propagar a autoria local do tão aclamado romance-folhetim. Apesar de pouca produção, se comparado com a francesa, esses autores contribuíram fundamentalmente para a criação e consolidação da ficção brasileira – ao passo em que o público leitor “devora” as traduções, sobretudo francesas, é instigado a “conhecer”, mais a fundo, o produto literário local. A imprensa carioca dedicou-se cada vez mais a divulgar romances de autores brasileiros. Foi necessário passar pelo “risco” de ser ou não ser. Não havia fórmula de sucesso, apenas o desejo de consolidar o folhetim brasileiro como leitura apreciada por distintas classes sociais. E por tal determinação, buscou firmar-se através das narrativas de Antonio Gonçalves Teixeira e Souza (1812-1861), Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), Antônio de Almeida (1831-1861), José de Alencar (1829-1877) e Machado de Assis (1839-1908) como obras de literatura nacional. Como nos confirma Nadaf (2002) o romance-folhetim ganhou tamanha proporção que alguns jornais brasileiros chegaram a publicar simultaneamente mais de uma obra num só rodapé. Constituiu-se, no Brasil, a indústria do folhetim-romance tal como se deu na França originária do gênero.

A abrangência do estilo de publicação se fez notada em distintos jornais de várias regiões do país, e manteve seu posto de Glória e Sucesso entre os leitores/ouvintes, sobretudo, leitoras até meados de 1930, quando houve sua transposição de folhetim escrito para a rádio

novela. E já mais a frente (1960), para as novelas de televisão. E sobre a nossa rica herança do folhetim “folhetinesco”, Tinhorão (1994) adverte:

É do romance folhetim que se originaram as principais técnicas do romance no Brasil: a constante intervenção do autor no desenrolar da história, a extrema complicação dos enredos num desdobramento linear de quadros sem preocupação com a verossimilhança; a finalização de cada capítulo em clima de suspense e a surpresa da retomada de personagens e situações anteriores em conexão inesperada com ações atuais. (TINHORÃO, 1994, p. 28).

O público apreciador de literatura de folhetim foi surpreendido pelo lançamento de *Helena* (1876), uma obra de cunho inovador, escrita *parte à parte* pelo jovem escritor Machado de Assis, que arriscou-se num tipo de romance cuja temática continuaria a experimentar nos enredos que seguiram. *Helena* sai no rodapé do jornal *O Globo*, famoso pelas polêmicas que abrigara. *O Globo* (1874-1883) nasce num período de efervescência política, em meio aos debates sobre leis abolicionistas. O jornal ficou famoso por sediar uma das polêmicas literário-políticas dessa época, a “polêmica Alencar-Nabuco”, uma série de farpas trocadas entre José de Alencar e Joaquim Nabuco através de artigos publicados no periódico em 1875, a partir de uma resenha de Nabuco, tratando da peça *O jesuíta*, de Alencar. Machado de Assis, que conhecia o fundador de *O Globo* desde a década de 1860 (da redação do *Diário do Rio de Janeiro*), apreciava o jornal e seu papel estimulador das polêmicas e perseverante nos propósitos.

A publicação de *Helena* no formato de folhetim começa, portanto, em pleno período de boa recepção do gênero. A repercussão do lançamento de *Helena* foi tanta que assim que findaram-se os capítulos de rodapé, o mesmo jornal lançou uma edição em livro. O romance transmitiu sobriedade nos temas e valores transcritos, e por inúmeras vezes foi comparado a romances populares estrangeiros. “O livro de Machado de Assis aparece na companhia de, em concorrência com e em superioridade aos pesos-pesados da ficção popular internacional”. (GUIMARÃES, 2001, p. 115).

Alvo de vários comentários e elogios alcançou popularidade, e foi visto como modelo de boa publicação nacional. Apesar de não se tratar de temas comuns aos romances contemporâneos, que buscavam uma literatura propriamente brasileira de revelassem a cor local – temas como o *culto à natureza* e o *indianismo*, tão presentes em escritos anteriores com suas obras de cunho romanesco que ligava a civilização brasileira ao elemento indiano, como Machado de Assis nos esclarece em seu *Instinto de Nacionalidade* (1873).

Alfredo Bosi (2006, p. 176) refere-se a Machado como um Ser dotado de um *espírito* contrário ao convencional.

“Sua necessidade de *criar* permaneceu até o fim como a espinha dorsal de sua relação com a existência. [...] O seu equilíbrio não era o goetheano – dos fortes e dos felizes, destinados a compor hinos de glória à natureza e ao tempo; mas o dos homens que, sensível a mesquinhez humana e à sorte precária do indivíduo, [...] fazem delas elementos de sua reflexão cotidiana”. (BOSI, 2006, p. 176)

Helena cuja protagonista é homônima ao livro tem em seu percurso inúmeras críticas e análises. Defendem-na como obra de cunho romanesco ou sem qualquer “classificação” possível. Porém, romântica por retratar uma personagem angelical, dócil, diligente, educada aos moldes de costumes.

“Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. [...] Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordado e toda sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente [...]. (ASSIS, 2008, p. 31).

O *desejo* do autor em descrever a sociedade burguesa da época em meio a tantos romances *nacionalistas* evoca sua determinação em sair do *comum*. E uma das formas de detalhar a realidade é descrever personagens que transmitam essa realidade, expostos em moldes possíveis de serem reais. Logo, o *romantismo é deixado de lado* e entra em cena o retrato social. A busca pelo poder político, pelo status de classe social abastada, o casamento por conveniência, o adultério, e muitos outros males a que é acometida à sociedade em qualquer espaço e tempo. Segundo Bagby Jr. (1933, p. 53) *Helena* é difícil de ser classificada em movimentos literários por seus muitos elementos divergentes [...] o autor representa o amor dentro de uma arquitetura de realismo vital, é a relação de amor mais perfeita de todas as suas obras. Pode representar um instrumento de reflexão à nação.

De acordo com Armange (2004), é possível pensar a narrativa como transmissão de uma mensagem que está escrita em um intervalo de tempo, através de um código apreensível ao interlocutor. As lógicas internas do mundo, ficcional ou não, devem ser vistas como se fossem reais e devidamente organizadas. O que possibilita o caminho natural do início ao desfecho da narrativa. O narrador é o responsável por contar a história, “é a voz que anuncia o texto”, logo, sua criação deriva da necessidade de emissão do discurso e, como tal, não pode ser confundido com o autor. Em *Helena*, os fatos são apresentados a partir das primeiras linhas, levando o leitor a conhecer e participar dos dramas posteriores à morte do Conselheiro Vale. A existência da meia-irmã passa a ser *verdade* para a personagem Estácio. A partir de então, os fatos tomam proporções maiores e a história segue o percurso natural de começo, meio e fim.

A análise do *narrador* de romance *Helena* é de fundamental importância para que se compreenda o objetivo a que a obra foi lançada. Numa abordagem pouco reflexiva tentaremos pensar o papel que a ele é conferido, e sua força junto à busca de inovações na escrita da denominada *primeira fase machadiana*. O encadeamento dos acontecimentos põe à prova a presença marcante do *narrador* como agente estruturador. Logo nas primeiras páginas, promete ao leitor um possível amor entre Estácio e Helena antes mesmo de acontecê-lo.

“[...] a idéia de ter uma irmã sorria-lhe ao coração como promessas de venturas novas e desconhecidas. Entre sua mãe e as demais mulheres, faltava-lhe essa criatura intermediária, que ele já amava sem conhecer, e que seria a natural confidente de seus desalentos e esperanças” (ASSIS, 2008, p. 24)

E o que se segue é a constante construção do *narrador* que evidencia o conflito, e evolui para o clímax da romance-folhetim. Há de se lembrar que as complicações são próprias da escrita folhetinesca, onde o drama e as situações *cortadas* movem a curiosidade do leitor para “O que virá depois”. Helena é apresentada como “uma moça de dezesseis a dezessete anos”. Sua descrição física é marcada pelo *narrador* sob o olhar de Estácio, que não poupa atributos de beleza encantadora à irmã. Somente com uma ressalva, “o olhar, cuja expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno” (ASSIS, 2008, p. 26). A convivência e a disposição de Helena em adaptar-se rapidamente a qualquer situação, foram responsáveis por familiarizar todos da casa com a nova moradora.

No início da narrativa podemos perceber a sugestão ao caráter de Helena, uma vez que, seus caracteres descritos são meramente físicos. E deixa pistas para que o leitor trilhe sua própria busca em saber quem é essa moça “com predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família” (ASSIS, 2008, p. 31). Já no capítulo VI Helena pergunta a Estácio que impressões ele tem dela e é definida pelo narrador como “uma pobre alma lançada num turbilhão”. Mas, quando se segue a leitura o *narrador* sugere situações onde o leitor volta a duvidar de seu caráter, fica em alerta quando se trata de quem é Helena, e por que algumas de suas atitudes são tão misteriosas.

“Quando ali chegou, Helena passeava lentamente, com os olhos no chão. Estácio parou diante dela. Já fora de casa!, exclamou em tom de gracejo. Helena tinha a carta na mão esquerda; instintivamente a amarrotou como para escondê-la melhor. Estácio, a quem não escapou o gesto, perguntou-lhe rindo se era alguma nota falsa. Nota verdadeira, disse ela, alisando tranquilamente o papel, e dobrando-o conforme recebera; é uma carta. Segredos de moça? Quer lê-la?, perguntou Helena, apresentando-lha. Estácio fez-se vermelho e recuou com um gesto. Helena dobrou lentamente o papel e guardou na algibeira do vestido. A inocência não teria mais puro rosto; a hipocrisia não encontraria mais impassível máscara.” (ASSIS, 2008, p. 64)

Que impressões ter de uma bela moça que outrora é uma “pobre alma” presa em eventos contrários a sua vontade, mas que posteriormente se mostra ardilosa a ponto de se desvencilhar de uma situação com tamanha destreza. Nos capítulos finais *Helena* é-nos, em fim, revelada. A partir de então, os mistérios que rondam seu passado são explicados e é possível tecer opiniões sobre o implícito questionamento exercido constantemente pelo narrador, graças ao modo de construção do relato, como a instigar o leitor a se perguntar “Quem é Helena?” o tempo todo.

Se pensado como agente estruturador do discurso e como voz que anuncia o texto, o narrador é dotado de um ethos discursivo próprio. Para Aristóteles o ethos é o grande responsável pela persuasão, pois o caráter daquele que fala é fundamental para ganhar a confiança do ouvinte/leitor ou perdê-la. Ao participar ativamente da progressão textual, o narrador revela, por sua personalidade ou modos de expressão, seu ethos pessoal. Este pode ser analisado como resultado de atributos morais como coragem, integridade e honra. É pelo caráter moral que o “discurso” tem maior abrangência no processo de persuasão.

A análise do narrador de *Helena* é de fundamental importância para que se compreendam os objetivos que circundaram o lançamento da obra. Embora os críticos se dediquem ao estudo do narrador machadiano a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em *Helena* também se percebe a construção de um narrador astuto e onisciente que, em aparições intrigantes, denuncia o seu caráter e envolve o leitor em uma trama com um fundo aparentemente romanesco, mas que ao mesmo tempo problematiza um realismo vital. A protagonista é manipulada por um duplo conjunto de valores: em uma das bases está o amor e o convívio com o pai, e em outra os bens materiais. O narrador indica, paulatinamente, o caráter, e a moral das personagens. Focaliza e apreende apenas um dos aspectos do seu comportamento:

Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, por que ainda então, estando fresca a memória do Conselheiro, não tivera ocasião de fazer-se ouvir. [...] Mediante seus recursos, e muita paciência, arte e resignação – não humilde, mas digna – conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis. (ASSIS, 2008, p. 31)

Vale lembrar Fiorin (1996) quando este afirma que um dos elementos centrais das obras de Machado de Assis são os comentários realizados pelo narrador, e não propriamente o narrado. No fragmento acima, é preciso se deter sobre o fato de o narrador (que se coloca em primeira pessoa) conhecer todas as prendas da moça e, além disso, saber daquilo que os

personagens ainda não sabiam, como o talento para o canto. A pretensão analítica do narrador convive paradoxalmente com a idealização social. Em outro momento, o narrador confessa omitir uma passagem que prefere reter para si, com o propósito de agilizar a narrativa:

- Pronto! disse ela. Diga a Helena que é a flor mais bonita do nosso jardim. Sabe que eu gosto muito de sua irmã?

- Acredito.

- Suponho que é minha amiga; há de sê-lo com certeza. Oh! eu preciso muito de uma amiga verdadeira!

- Sim?

- Muito! Tenho tantas que não prestam para nada, e só me dão desgostos, como Cecília... Se soubesse o que ela me fez!

- Que foi?

Eugênia desfiou uma historiazinha de toucador, que omito em suas particularidades por não interessar ao nosso caso, bastando saber que a razão capital da divergência entre as duas amigas fora uma opinião de Cecília acerca da escolha de um chapéu. (ASSIS, 2008, p. 37)

No fundo, essas intromissões do narrador chamam a atenção do leitor para aspectos que, além de não configurarem exemplos de discurso indireto livre, identificam o comportamento narrativo com elementos do ponto de vista de romances machadianos escritos após 1880, nos quais se observa a manipulação da forma de modo a ajustar a narrativa a um modo de vida e de pensamento. Pode-se dizer que o narrador de *Helena* já ensaia esse tipo de discurso, pois sua postura é orquestrada no comportamento mais conservador e até conformista, que vale examinar por meio da análise atenta, sobretudo, às aparições destacadas.

Após a publicação de *Helena* como folhetim e tendo em vista a grande repercussão ao final da edição “aos pedaços”, o livro revigorou a aceitação positiva. Segundo Santos (2009), a obra colocaria a literatura brasileira em compasso com o que se fazia na Europa; ou seja, teria nível internacional, opondo-se aos romances regionalistas de Franklin Távora, por exemplo. Além disso, serviria de contraponto aos folhetins franceses. *Helena* foi considerado pelo autor como um eco de sua produção posterior. No prefácio da segunda edição do livro, em 1905, Machado classifica-o como “excessivamente romanesco e ingênuo” em comparação aos célebres *Memórias Póstumas, Dom Casmurro* e *Quincas Borba*.

Para Hélio Guimarães (2001), *Helena* prenuncia a obra posterior de Machado. A forma singular do narrador em alguns momentos remete a de Brás Cubas, em trechos como este, que se refere ao Dr. Camargo: “Ele ouvia já o rumor público; sentia-se maior – antegostava as delícias da notoriedade – via-se como sogro do Estado e pai das instituições” (ASSIS, 2008, p. 101). Em algumas situações, o suplício de Estácio, enamorado de Helena sem o saber, e movido pelo ciúme de Mendonça, pode ser relacionado a Bentinho de *Dom Casmurro* com sua eterna desconfiança de Capitu. O narrador da felicidade de Mendonça ao receber Helena como noiva lembra o delírio de Brás Cubas:

[...] viu-a povoada de seres fantásticos rutilantes, que iam e vinham do céu à terra e da terra ao céu. [...] As estrelas mais vivas que nunca, pareciam saudá-lo de cima com ventarolas elétricas, ou fazerem-lhe figas de inveja e despeito. [...] Os pés como que não pousavam no solo; ia estático e sem consciência de si. Era aquele o galhofeiro de há pouco? O amor fizera esse milagre [...] (ASSIS, 2008, p. 122)

Alfredo Pujol (1934) é um dos críticos literários que demonstra grande estima pela obra, segundo ele é o romance mais perfeito e belo dentre as primeiras obras machadianas e, por tal razão, deve ser levado em conta e analisado como ponto de partida à perfeição das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Os primeiros textos de Machado germinaram os

seguintes, seja por uma atitude do personagem, por uma frase do narrador, um pensamento ou ideologia presente nos discursos. Sua pretensão esteve à frente de seu tempo.

Para Roberto Schwarz (2000) Machado de Assis aperfeiçoou em *Helena* o paternalismo existente em suas obras anteriores. A diferença estaria no tratamento do tema. *Helena* seria um prenúncio do retrato de um paternalismo diferenciado, tendo como ponto de partida uma posição defensiva. A vigilância maior do autor estaria no “preceito cristão”, inúmeras vezes recorrentes na narrativa. Seja por um terço a ser rezado por D. Úrsula, pela constante presença do Padre Melchior, conselheiro e amigo da família, ou mesmo pelas convenções sociais sugeridas pela moralidade cristã, a participação é grande.

Outro ponto relevante para Schwarz, no âmbito do conteúdo, é a paisagem social em que acontecem os atos de Helena. Trata-se de uma família de boa reputação, com influência marcante na sociedade. Apesar de tratar-se de uma usurpação, Helena não consegue viver com a sombra das suspeitas, e prefere a morte. Entretanto, é notável que o escritor deseje legitimar as suspeitas com uma possível conformidade, dando dignidade aos envolvidos, pois “o mal não está na desigualdade, mas na gente que busca tirar proveito dela” (SCHWARZ, 2000, p. 118) e, como é sabido, Helena não está na situação de usurpação de uma herança por vontade própria. O crítico defende que Machado de Assis assim o faz para demonstrar que a severidade do amor familiar e cristão moraliza as diferenças sociais e as limpa dos pecados que posam inspirar.

O catolicismo permeia as relações paternalistas. Uma vez que a perspectiva cristã completa o espaço do favor, a superior dignidade dos envolvidos compensa a desigualdade das relações reais, tornando-as legítimas e livres de qualquer humilhação. “Helena não é tola; quer prender-nos por todos os lados: até pela compaixão. Não te nego que começo a gostar dela; é dedicada, afetiva e inteligente; tem maneiras finas e algumas prendas de sociedade” (SCHWARZ, 1977, p. 124). Não é necessário, apenas, o reconhecimento como filha de uma família abastada, é relevante que se sinta admirada e respeitada por suas qualidades. Helena não consegue aceitar o favor de Estácio, pois, segundo Schwarz (2000) o favor é insuportável, e fora do favor só existe miséria. Neste contexto, o paternalismo estaria evidenciado pelo sentimento cristão da família, que suprime os inconvenientes e permite a existência de uma *relação* entre distintas classes sociais.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Ana Luiza. **Transportes pelo olhar de Machado de Assis: passagens entre o livro e o jornal**. Chapecó: Grifos, 1999.

ARMANGE, Ana Helena Krause. **O diálogo entre narrador e narratário em contos machadianos e sua contribuição para a significação**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 122 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Helena**. São Paulo: Elevação, 2008.

BAGBY JUNIOR, Alberto Ian. **Machado de Assis e seus primeiros romances**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1933.

BETELLA, Gabriela Kvacek. **Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do conselheiro (*Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*) e a simulada displicência das crônicas (*Bons dias!* e *A semana*)** São Paulo: Edusp/Nankim, 2007.

- BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.
- _____. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. **Brás Cubas em três versões: estudos machadianos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- _____. Esquema de Machado de Assis. In: _____. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CRUZ, Dilson Ferreira Junior. **O ethos do enunciador dos romances de Machado de Assis: uma abordagem semiótica**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- DUTRA, Eliana de Freitas. **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. Trad. Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. **Machado de Assis: impostura e realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Por um novo Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. Derivações culturais do romance folhetim. In: _____. **Literatura e vida nacional**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX**. São Paulo: Nankin: Edusp, 2004.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES, **Machado de Assis**. São Paulo: Instituto Moreira Salles (Cadernos de Literatura Brasileira, n. 23 e 24), 2008.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.
- LASCH, Christopher. **A mulher e a vida cotidiana: Amor, casamento e feminismo**. Trad. Heloísa Martins Costa. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.
- MASSA, Jean-Michel. **Juventude de Machado de Assis - 1839-1870**. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MEYER, Augusto. **Ensaios escolhidos**. Org. de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MORETTI, Franco. O século sério. **Novos Estudos CEBRAP**, mar. 2003, n. 65.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (século XIX e XX)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

_____. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. **Letras**, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 119–138, jul./dez. 2009.

PASSOS, José Luiz. **Machado de Assis, o romance com pessoas**. São Paulo: Edusp/Nankim, 2007.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas cidades, 2000.

SCHWARZ, Roberto. A viravolta machadiana. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, jul. 2004, n. 69, p. 16-34.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance-folhetim: (1389 – 1870)**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, José Galante de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: MEC-INL, 1955.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994.